

MINHA CADEIRA DE RODAS, MEU CORPO

Silvia Mayeda D'Angelo, Serviço Social do Comercio – SESC-Bom Retiro , São Paulo - Brasil

Marina Brasiliano Salerno, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, São Paulo – Brasil

Rita de Fátima da Silva, Faculdade Adventista de Hortolândia – IASP, Hortolândia – São Paulo - Brasil

Paulo Ferreira de Araújo, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, São Paulo – Brasil

Resumo

A efetivação da participação da pessoa em condição de deficiência (PCD) nos mais diversos âmbitos sociais nos tem levado a diferentes discussões relacionando a Educação Física e sua participação na vida desse grupo específico. É notória a aproximação que há entre as atividades físicas e a pessoa com deficiência física, foco de nosso trabalho. Encontramos diversos estudos que objetivam compreender mais sobre essa relação: quais os interesses que fazem com que a PCD procure praticar uma atividade física? Como se sentem quando a praticam? E o esporte de alto rendimento, como essa população se relaciona com ele? Nosso objetivo foi ir um pouco além, buscar compreender outro fator, como as pessoas com deficiência física, que fazem uso de cadeira de rodas, se percebem frente a sociedade? Como é essa incorporação da cadeira de rodas ao seu corpo? Há diferença nessa visão entre pessoas que praticam ou não esportes? O que percebemos é que essa diferenciação ocorre, ou seja, as pessoas que fazem uso de cadeira de rodas e estão ativas em algum grupo de prática esportiva, conseguem enxergar-se de outra forma, com um olhar diferenciado, percebendo a cadeira como parte de seu corpo e fundamental para sua independência.

Palavras-Chave: Deficiência; Corpo; Atletas; Não-Atletas

MY WHEELCHAIR, MY BODY

ABSTRACT

The effective participation of the people with disabilities at the different range of society, take us to many discussions related with the Physical Education and its influence at this people's lives. It is notorious the approach of the physical activities and the people with physical disabilities, focus of our paper. We read several studies which the purpose is to understand more about this relation: which interests make the people with disabilities search for one physical activity? How do they feel when they do that? What about the high-performance sports, how do they see that? Our purpose was to go a little further and try to understand another factor, how do the people with disabilities, who use the wheelchair, see themselves before the society? How does this incorporation works for them? Is there a difference between those who practice a sport and those who doesn't? What we observed is that there are differences in this aspect, those who use the wheelchair and are active in a group for practice some sport are more capable of see themselves in a

different way, realizing the wheelchair as a part of their body and crucial for their autonomy.

Key-Words: Disabilities; Body; Athlete; No-Athlete

MI SILLA DE RUEDAS, MI CUERPO

RESUMEN

La efectiva participación de la persona con deficiencia en los diferentes sectores sociales nos lleva a discusiones que relacionan la influencia de la Educación Física en la vida de ese grupo específico. Percibimos la proximidad que hay entre las actividades físicas y las personas con deficiencia física, foco de nuestro artículo. Nos deparamos con diferentes investigaciones que objetivan comprender más sobre esa relación: ¿cuales son los intereses que hacen las personas con deficiencia practicar una actividad física? ¿Cómo se sienten cuando la practican? ¿Y el deporte de rendimiento, cómo esa población se relaciona con él? Nuestro objetivo fue ir un poco más adelante, comprender otro factor, ¿cómo las personas con deficiencia física, que usan la silla de ruedas, se perciben frente a la sociedad? ¿Cómo es la incorporación de la silla de ruedas a sus cuerpos? ¿Existen diferencias entre la comprensión cuanto a su cuerpo de personas con deficiencia física que hacen y que no hacen actividad física? Percibimos que hay la diferenciación, o sea, las personas que usa silla de ruedas y que están activas en un grupo de práctica deportiva consiguen verse de otra manera, con una mirada diferente, sentida la silla de ruedas como parte de su cuerpo y fundamental para su autonomía.

Palabras-Clave: Deficiencia; Cuerpo; Deportistas; No-Deportistas.

INTRODUÇÃO

O processo inclusivo tem aproximado as discussões referentes à pessoa com deficiência do ambiente acadêmico há algumas décadas. A Educação Física, dentro desse contexto, vem discutindo diversos elementos: inicialmente a área buscou conhecer essa população que por muito tempo pertenceu a espaços sociais pré-determinados como instituições especializadas, por exemplo. Os aspectos biológicos das condições de deficiência foram o foco desse momento para conseguir compreender quais as limitações as mesmas poderiam acarretar a uma pessoa. O próximo passo foi analisar quais seriam as possibilidades dentro de atividades específicas, ou seja, diversas modalidades esportivas ou atividades envolvendo a dança, a ginástica, a luta, o jogo, foram pensadas para a pessoa com deficiência. Essa análise promoveu diversos estudos que auxiliaram os profissionais da educação física a pensarem os conteúdos para esse grupo de pessoas.

Vencendo esses momentos de aproximação que buscaram o conhecimento inicial da pessoa com deficiência e iniciaram a reflexão sobre como a educação física poderia ser aproveitada por esse grupo de pessoas, outras análises são interessantes para complementar o entendimento que os profissionais da área devem ter sobre elementos referentes, por exemplo, a percepção que as pessoas com deficiência têm sobre seus corpos.

O corpo é parte fundamental do processo de desenvolvimento, interação e inclusão com outros corpos, todos embalados (também rotulados), carregados de significados, sentimentos, lembranças e desejos. Estão todos submetidos aos padrões sociais. O corpo objeto sendo mecanicamente preparado para obter um rendimento ótimo, ritmo uniforme, prisioneiro do tempo e trabalho dirigido ao corpo ágil, perfeitamente belo, limpo e sem problemas.

Todos esses objetivos, necessidades quase obrigatórias foram e são constantemente criados por padrões sociais que muitas vezes segregam aqueles que fora destes se tornam estigmatizados.

A historiografia nos mostra:^{1:7}

Os estigmas eram sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o 'Status' moral de quem

os apresentava [...] uma pessoa marcada, ritualmente poluída, que devia ser evitada especialmente em lugares públicos.

Em um mundo de “diferentes” e “desinformados” o estigma contribui para a segregação daqueles que os carregam e que necessitam o tempo todo, transpor barreiras na maioria das vezes invisíveis e carregadas de preconceitos.

Na busca pelo respeito à diferença é que se encontra esta pesquisa. Para tanto, foi selecionado, propositalmente, apenas um pequeno grupo destes podem carregar o estigma: as pessoas em condição de deficiência que fazem uso da cadeira de rodas que se consideram atletas e não atletas. Visamos analisar o significado auto-atribuído aos corpos de pessoas que no embalo de suas rodas desenvolvem a vida, buscam o prazer, vivem o mundo, o dia-a-dia e o esporte analisando as percepções que as cercam considerando a relação entre seu corpo e sua cadeira de rodas.

Compreendendo o significado auto - atribuído à cadeira de rodas, busca-se facilitar as intervenções pedagógicas e metodológicas, além de facilitar as abordagens durante uma aula. O que será que significa para o seu aluno ter que descer da cadeira de rodas durante uma aula? Será que é tão prazeroso quanto parece? Se livrar da cadeira de rodas por alguns instantes será mesmo tão cômodo?

O corpo e a condição de deficiência

De possuído por algum mal, castigo de Deus, doente, marginalizado, aquele que deveria ser evitado e ainda isolado do convívio e dos lugares públicos:² assim a pessoa em condição de deficiência física foi e talvez ainda seja considerada na sociedade. Este modo de viver em pequenos grupos e em sociedade a pessoa em condição de deficiência física, intelectual, auditiva, visual ou múltipla sempre sofreu algum tipo de discriminação que perdura até os dias de hoje.

A discriminação vinha também quando o corpo era usado como forma de punição. O Código de Hamurabi, o mais antigo conjunto de leis, previa punições que marcariam o corpo para aqueles que as desobedecessem, como por exemplo, cortar a orelha de um escravo que negasse seu senhor, se um homem batesse em seu pai teria a mão cortada. Assim sendo, quando uma pessoa visse outra com essas marcas saberia, apenas pelo olhar,

que se tratava de alguém que havia infligido à lei, alguém culpado, alguém que havia se desviado do caminho do bem.²

Na idade média as pessoas com deficiência eram, aos olhos da igreja, dadas como possuídas e muitas vezes eram sacrificadas.² No renascimento parece surgir uma preocupação com a exclusão destas pessoas. No século XVIII definiram-se pessoas com deficiência como doentes. Só no século XX que a Organização Mundial de Saúde (OMS) classifica que *“o indivíduo portador de deficiência física é aquele que apresenta, em caráter permanente, perda ou anormalidade de sua estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica decorrentes de causas orgânicas, congênitas ou adquiridas”*.

As concepções que transformam a pessoa em condição de deficiência em coitados ou castigados ainda permeiam as percepções que circundam o senso comum. Notamos que tais elementos históricos necessitam de tempo para serem realmente alterados, porém, a modificação desses conceitos está acontecendo.

A compreensão que temos de nosso corpo também muda de acordo com nosso olhar. Falar de corpo é algo subjetivo, individual, já que cada um é o seu corpo e nele experimenta coisas diferentes, ou seja, vivem histórias diferentes.³

Há muito tempo o corpo desperta a curiosidade de estudiosos, sendo assim alvo de estudo e pesquisa de muitos que o interpretam de diferentes formas, sob diferentes olhares. Segue uma série de alguns autores que estudaram o corpo levando em conta a subjetividade.

Assim, “percebemos o mundo e nós mesmos com nosso corpo. Nosso corpo carrega a memória de nossa existência”.^{3:23}

Conforme a experiência de quem olha, a imagem pode ser vista de diferentes formas, ou seja, a imagem pode remeter a diversos sistemas de significação.

De tudo o que vivo, enquanto vivo, tenho diante de mim o sentido, sem o que não o viveria e não posso procurar nenhuma luz concernente ao mundo a não ser interrogando, explicando minha freqüentação do mundo, compreendendo-a de dentro.^{4:41}

A partir disso pode-se pensar na proliferação dos discursos disparados por esses corpos. Nas capacidades sensoriais, cognitivas e perceptivas que cada observador e “experimentalador” possui para descrever os sentidos que lhe são provenientes.

Porto⁵ acrescenta ainda que essa relação presente do corpo no mundo não pode ser algo dado e acabado, além disso cita que a percepção é algo mutável e esta associada de acordo com as possibilidades no mesmo mundo.

Sendo assim, Porto^{5:15} analisando as colocações de Cyrulnik⁶ aponta que:

É quase impossível adentrar no mundo dos outros que tanto fascina e intriga. Pode-se pensar, criar, imaginar, e até habitar o mundo do outro, no entanto, para o ser humano ser ele próprio, só poderá sê-lo com os outros.

De acordo com Porto,⁵ não podemos adentrar e revelar com exatidão os corpos de pessoas que fazem uso da cadeira de rodas nem das demais porém, como somos a partir do outro, podemos buscar compreender essa relação a partir da compreensão que a pessoa com deficiência física tem dela mesma com base em sua percepção e o que pensa do olhar dos outros.

Ao analisarmos o corpo a partir da abordagem cultural, admitimos seu caráter provisório e a existência de diferentes padrões de beleza que se modificam ao longo do tempo. O corpo não é um dado acabado, pois, sendo construído culturalmente, assume diferentes contornos, significados, em função do tempo em que vive, do grupo ou da sociedade na qual está inserido. Isso nos faz compreender que estamos em meio a um processo de aproximação com a pessoa com deficiência física, fato que tem como consequência olhares dos outros que podem ser diferenciados: de curiosidade, de pena, de estranheza, de respeito, de compreensão das diferenças.

Para Daolio:^{7:23}

O corpo é uma síntese da cultura, porque expressa elementos específicos da sociedade da qual faz parte. O homem por meio do corpo vai assimilando e se apropriando de valores, normas e costumes sociais num processo de incorporação”. Para o mesmo autor o que diferencia o homem dos outros animais é a sua capacidade de produzir cultura.

Visão, audição, olfato, paladar e tato fazem parte das portas de entrada para o corpo. E a partir destas portas é que podemos nos sentir corpo. No entanto tem-se formas seletivas para aquilo que se enxerga, ouve, sente, as informações que sensibilizam, as demais informações passam de forma despercebida. Essa sensibilização é aprendida de maneira cultural, algo que é arbitrariamente imposto, desde o momento em que é gerado um novo ser humano.

Assim, iniciamos nossa discussão sobre trabalho que foi focado em pessoas que usam as cadeiras de rodas para viver o seu mundo. Sendo assim, citamos Porto⁵ que descreve essa condição de perceber e pertencer a um mundo diferente, ou melhor ter referenciais diferentes para ser parte deste ou daquele mundo.

Tudo aquilo que sei do mundo provém da minha experiência, interna e externa, pois, o mundo é para mim um lugar vago onde me deparo com os objetos verdadeiros que se apresentam a mim como coisas visíveis diante dos meus sentidos, e com os fantasmas individuais e instantâneos que se apresentam a mim como coisas invisíveis pertencentes ao meu pensamento.^{5:28}

Alguns, desde os seus primeiros instantes de vida percebem este mundo de uma forma não convencional e terão que lidar com as dificuldades de rotina, ajustando-se aos ambientes, aos compromissos e à família, para que sejam acomodados da melhor maneira possível. Estes provavelmente não sofrerão mudanças bruscas na arte de perceber-se corpo no mundo. Pode-se dizer que estes são as pessoas deficientes de etiologia congênita. As informações a serem captadas não sofrerão mudanças bruscas, este corpo não terá que reaprender a ser um novo corpo, será o que é.

Outros ao longo de sua trajetória sofrem uma mudança brusca, são transformados pela história. Muda-se a maneira como percebem o mundo, o corpo passa a ser diferente para ele. Para muito destes, no início, o novo corpo é motivo de repúdio. A surpresa das mudanças, da maneira de perceber e sentir o mundo faz com que por alguns instantes o corpo e a memória do corpo passado entrem em conflito.

Para ilustrar algumas situações de recusa do corpo, citamos uma série de falas, por exemplo de Tatiana Rolim⁸ de 18 anos, depois de mais de 60 dias internada e muitas cirurgias,

lesão medular T10 –T11 descreve em seu relato de experiência a esperança de chegar em casa e a decepção da realidade de história de sua vida ter um final feliz.

[...] então, tive minha choradeira instantânea, por saber da realidade que nada mudaria ao ter chegado em casa. Agora eu estava sabendo da desgraça em domicílio. O que era pior, não tinha como fugir, até porque a casa era cheia de escadas.^{8:10}

“[...] vi a realidade, estava sofrida, condenada, machucada, marcada, se pudesse teria jogado aquele espelho longe.”^{8:10} Diz a autora em uma das vezes que a autora relata o sentimento de ver a imagem de um novo corpo, muito diferente daquele que estava acostumada a ver.

Quando um grupo de amigos resolveu fazer uma surpresa e presenteá-la com uma cadeira de rodas, logo ao terminarem de desembulhar o presente, ela relata: “tive quase um troço de desgosto ao ver uma cadeira de rodas. [...] para mim era o fim da fantasia de voltar a andar”.^{8:12}

Merleau-Ponty,^{4:121} afirma que:

A recusa da deficiência é apenas o avesso de nossa inerência a um mundo, a negação implícita daquilo que se opõe ao movimento natural que nos lança a nossas tarefas, a nossos corpos preocupações, a nossa situação, a nossos horizontes familiares. Ter um braço fantasma é permanecer aberto a todas as ações das quais apenas o braço é capaz, é conservar o campo prático que se tinha antes da mutilação.

Ainda segundo Merleau-Ponty^{4:121} “A vontade de ter um corpo são ou a recusa do corpo doente não são formuladas por eles mesmos, a experiência do braço amputado como presente ou a do braço doente como ausente não são da ‘ordem do eu penso que [...]’”.

Para as pessoas que tiveram seus corpos transformados pela história da vida, as conquistas de atividades simples, as quais muitas vezes são parte do tratamento de reabilitação e fisioterapia, ajudam a pessoa a “reconhecer” seu novo corpo, lidar com novos limites e sonhos.

“Então, com a ajuda de um técnico fui sentada na cadeira nova. Ele me ajudou a tocá-la ainda que só com uma mão, eu adorei. Ela se parecia comigo”.^{8:23}

Nunca pensei que eu ficaria feliz ao receber uma cadeira de rodas. Já tinha passado isto com minhas amigas em casa, mas foi diferente. Talvez porque eu estivesse numa fase mais difícil ou talvez porque ainda não tivesse visto pessoas jovens como eu nesta mesma condição e eu me recusasse a ser a única”.^{8:27}

Depois do aceite do novo corpo e das novas condições, estes corpos necessitam buscar um modelo de vida diferente além de estabelecer uma nova organização do que já existia.

No sentido de perceber e aceitar um novo corpo, Merleau-Ponty^{4:59} cita:

De forma intrínseca, esta relação entre mim e a coisa se dá com e na presença de outrem, onde a percepção do outro se desdobra. Eu e o outro, próximo ou afastado, estamos no mundo, e a percepção não está “em minha cabeça”, mas está em meu corpo como coisa do mundo. Mundo que contém corpos e espíritos, não como uma soma de coisas perceptíveis apenas pela visão, mas sim um lugar onde os estilos invariáveis são unificados pelas várias e diversas perspectivas, possibilitando a transição de uma a outra recheada de sentimento.

A este mesmo respeito Schilder⁹ aponta para a imagem corporal não somente com o foco direcionado exclusivamente em bases neurológicas, ou seja, não é uma simples questão de dano no sistema nervoso centra. Enfatiza que as distorções não devem ser trabalhadas apenas no plano biológico, mas também na estrutura psicológicas das pessoas que terão alteradas as formas de experimentar o mundo.

A PESQUISA

Para o trabalho de campo foi aplicado um questionário a fim de investigar as diferentes percepções daqueles que fazem uso da cadeira de rodas. O grupo de voluntários selecionado foi de pessoas em condição de deficiência física que fazem uso da cadeira de rodas, que não possuíam outra deficiência associada e tinham mais de 15 anos. Não foi usado como critério da população o tempo que faziam o uso da cadeira de rodas, o nível de escolaridade, situação econômica, se exercia atividade remunerada e nível de dependência. Somente para compor o grupo de atletas foi exigido que estivesse vinculado a uma atividade esportiva regular pelo menos três vezes por semana e que não fosse com o objetivo de aprendizagem, mas sim de treinamento.

O questionário foi construído como um instrumento piloto visando obter informações a respeito das diferentes relações estabelecidas entre o usuário e a cadeira de rodas, assim como questões psicológicas, sociais, afetivas, fator de representação de corpo ideal, representação para o usuário a respeito da cadeira de rodas, além de comportamentos dos outros para com ele e a cadeira de rodas. Além de apontar alguns aspectos que podem contribuir na construção de um instrumento (questionário) para futuros estudos com as pessoas em condição de deficiência física no campo da Atividade Motora.

O método escolhido para a coleta de dados foi o questionário com um modelo baseado em Santana¹⁰ o qual usa o instrumento para avaliar medidas do comportamento afetivo e relativo ao método do diferencial semântico de acordo com Pereira.¹¹

A escala de diferencial semântico emprega adjetivos bipolares em cada fim de uma escala de 7 (sete) pontos. É baseada na importância da linguagem em refletir os sentimentos de uma pessoa.

No entanto, para este estudo piloto, o modelo de diferencial semântico foi adaptado no questionário, foram apresentados apenas os extremos, ou seja, os adjetivos opostos, e não a escala de 7 (sete) pontos.

O objetivo de apenas apresentar os opostos foi o de experimentar quais seriam os itens (dupla de adjetivos) adequados, ou seja, aqueles que geraram dúvidas ou que não foram preenchidos deverão ser reanalisados para o estudo seguinte.

O questionário também apresentou algumas questões onde o voluntário poderia optar entre duas respostas: sim ou não.

Os questionários foram entregues e explicados aos voluntários da pesquisa. Caso tivessem alguma dúvida poderiam perguntar à aplicadora que estaria perto. Quando solicitado, em alguns casos, a aplicadora leu as questões e preencheu as respostas do questionário. Esta medida foi tomada, pois alguns dos entrevistados tinham dificuldade para preencher os dados devido à dificuldade motora. Outros por dificuldade de ler ou por possuírem uma deficiência visual associada.

Os dados foram coletados em dois momentos. No primeiro momento, os questionários do Grupo 1 foram aplicados em uma passeata que ocorreu no dia 04 de dezembro de 2004, na cidade de São Paulo. Este movimento teve o objetivo chamar a atenção para um problema cotidiano da cidade - a acessibilidade de pessoas com mobilidade reduzida.

Sendo assim, os voluntários não eram conhecidos, ou seja, não existia qualquer vínculo com a aplicadora do questionário.

O segundo momento, os questionários do Grupo 2 foram aplicados a um time de basquete sobre cadeira de rodas que participava de uma das fases de um campeonato. Neste caso também não existia qualquer vínculo com a equipe.

Os voluntários foram divididos em dois grupos como descrito abaixo:

Grupo I: Pessoas que fazem o uso permanente de cadeiras de rodas em suas atividades de vida diária.

Grupo II: Aqueles que também fazem o uso permanente, no entanto, utilizam a cadeira de rodas para a prática de esporte.

Caracterização dos grupos

Após a aplicação dos questionários, os voluntários apresentaram as seguintes características.

Grupo I - Pessoas que fazem o uso da cadeira de rodas nas atividades de vida diária caracterizaram-se da seguinte forma:

Quadro 1 - Caracterização Grupo I – Atividade de vida diária (AVD)

Voluntário	Idade/anos	Sexo	Tempo de uso da cadeira de rodas/anos	Causas da deficiência
1	28	M	3	Lesão medular
2	21	F	1	---
3	28	M	3	Lesão medular T2
4	24	M	Desde criança	(congênita)
5	41	F	40	Poliomielite
6	26	F	---	(congênita)
7	39	M	15	Lesão medular
8	37	F	35	Poliomielite
9	35	M	33	Poliomielite
10	26	M	2	Lesão medular

Grupo II - Pessoas que fazem o uso permanente de cadeira de rodas, no entanto, usam a cadeira de rodas para o pratica esportiva, caracterizaram-se da seguinte forma.

Quadro 2 - Caracterização do grupo II - Atletas

Voluntário	Idade/anos	Sexo	Tempo de uso da cadeira de rodas/anos	Causas da deficiência
1	32	M	30	Espinha bífida
2	34	M	10	Poliomielite
3	28	M	25	Poliomielite
4	35	F	34	-----
5	25	M	7	Coxoartrose
6	43	M	4	Poliomielite
7	26	M	8 anos e 8meses	Lesão medular T6 a T9
8	22	M	-----	Amputação acima do joelho
9	38	F	24	Lesão medular T10
10	49	M	27	Lesão medular

A visão das pessoas com deficiência física

Para facilitar a visualização dos dados coletados os resultados serão apresentados da seguinte forma:

- Tabela com os dados tabulados, por categoria, seguidos dos comentários;
- Serão apresentados os resultados do Grupo I - AVD em seguida os do Grupo II - Atletas;
- A legenda que segue é a mesma para os dois grupos.

Quadro 3 - Legenda

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Voluntários
P	Primeiro adjetivo que apareceu no questionário									
O	Adjetivo oposto									
S	Sim									
N	Não									
-	Não respondeu									

Exemplo:

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Voluntários	
P	P	P	P	O	P	P	O	O	-	Andar elegante	Andar deselegante

Neste caso o voluntário 1 (um) apontou para a opção que continha andar elegante, já o voluntário 5 (cinco) apontou para andar deselegante e o voluntário 10 não respondeu, ou seja, não apontou para nenhuma das opções.

O primeiro conjunto de resultados a ser apresentado será o de pessoas que utilizam a cadeira apenas para realizar as atividades de vida diária (AVD), e não compõe o grupo de pessoas que são atletas.

- **Fatores estéticos (FE)**

Quadro 4 – Fatores estéticos nas atividades de vida diária - **Questão1 - Em minha cadeira de rodas me sinto?**

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10		
P	P	P	P	O	P	P	O	O	P	Andar elegante	Andar deselegante
P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	Bonito	Feio
P	P	P	P	P	-	P	P	O	P	Charmoso	Não charmoso
P	P	-	P	P	-	-	P	P	-	Pessoa graciosa	Pessoa não graciosa
P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	Vaidoso	Desleixado
P	-	P	P	P	-	P	P	-	P	Cheiroso	Mal cheiroso
P	P	P	P	P	-	P	P	-	P	Agradável	Desagradável
P	P	P	P	P	-	P	P	-	P	Olhar animado	Olhar desanimado
P	P	P	P	P	-	P	-	O	-	Sexy	Não sexy
P	P	P	P	O	-	O	P	O	P	Forte	Fraco
O	P	O	P	O	-	O	O	O	-	Alto	Baixo
P	P	O	O	O	-	P	O	P	O	Magro	Gordo

Quadro 5 – Fatores estéticos nas atividades de vida diária - **Questão 2 - Percebo que as outras pessoas quando me olham na cadeira de rodas elas me vêem como alguém**

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10		
P	P	P	O	P	-	O	O	O	P	Andar elegante	Andar deselegante
P	P	P	O	P	P	P	O	O	P	Bonito	Feio
O	P	P	O	P	-	O	O	O	O	Charmoso	Não charmoso
O	P	-	P	P	P	-	-	P	-	Pessoa graciosa	Pessoa não graciosa
P	P	P	P	P	P	P	-	O	P	Vaidoso	Desleixado
-	P	P	P	P	-	P	O	-	P	Cheiroso	Mal cheiroso
P	P	P	P	P	-	O	-	-	P	Agradável	Desagradável
P	P	P	P	P	-	O	-	-	O	Olhar animado	Olhar desanimado
P	P	O	O	P	-	O	-	O	O	Sexy	Não sexy
P	P	P	P	P	P	P	P	O	O	Forte	Fraco
O	P	O	P	O	-	O	O	O	O	Alto	Baixo
P	P	P	O	O	-	-	O	P	O	Magro	Gordo

Quanto aos aspectos estéticos, a maioria dos colaboradores apontou para adjetivos positivos, os negativos apareceram apenas em fraco, baixo e gordo e andar deselegante. As pessoas se sentem confortáveis com a imagem que tem de si próprios.

Quando a pergunta é o que eles pensam que os outros vêem quando olham para eles na cadeira de rodas, as respostas parecem bastante diferentes das da questão anterior. Nesta aparecem adjetivos como andar deselegante, feio, não charmoso, não sexy, desleixado. Além de fraco e baixo. O corpo sentido não é o mesmo que o corpo que se apresenta à sociedade.

Além desses elementos notamos que alguns voluntários optaram por não responder algumas questões, sendo que a somatória dos termos opostos não somam 10 apontamentos. A não seleção de uma alternativa pode ser uma forma de demonstrar uma insatisfação com determinados elementos, essa atitude pode refletir a não intenção de registrar certas percepções de si mesmo.

Quadro 6 – Fatores estéticos - Atletas – **Questão 1 - Em minha cadeira de rodas me sinto?**

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10		
P	-	P	-	P	-	P	P	P	O	Andar elegante	Andar deselegante
P	-	P	-	P	-	P	P	P	-	Bonito	Feio
P	-	P	-	P	-	P	-	P	-	Charmoso	Não charmoso
-	-	P	-	P	-	P	-	P	-	Pessoa graciosa	Pessoa não graciosa
P	P	P	-	P	-	P	-	P	-	Vaidoso	Desleixado
P	-	-	-	P	-	P	P	P	-	Cheiroso	Mal cheiroso
P	-	P	-	P	P	P	-	P	-	Agradável	Desagradável
P	-	P	-	P	-	P	P	P	-	Olhar animado	Olhar desanimado
P	-	O	P	O	-	P	-	P	-	Sexy	Não sexy
P	-	P	P	P	-	P	P	P	-	Forte	Fraco
O	-	O	-	O	-	P	-	P	-	Alto	Baixo
O	-	P	-	P	-	P	-	P	-	Magro	Gordo

Quadro 7 – Fatores estéticos - Atletas – **Questão 2 - Percebo que as outras pessoas quando me olham na cadeira de rodas elas me vêem como alguém**

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10		
O	-	O	-	P	P	P	-	P	-	Andar elegante	Andar deselegante
P	-	P	-	P	-	P	-	P	-	Bonito	Feio
P	-	O	-	O	-	P	-	P	-	Charmoso	Não charmoso
P	-	P	-	O	-	P	-	P	-	Pessoa graciosa	Pessoa não graciosa
P	-	P	-	O	-	P	-	P	-	Vaidoso	Desleixado
P	-	-	P	P	-	P	-	P	-	Cheiroso	Mal cheiroso
P	O	P	P	O	-	P	-	P	-	Agradável	Desagradável
P	-	P	-	O	-	P	-	P	P	Olhar animado	Olhar desanimado
P	-	O	-	O	-	P	-	P	-	Sexy	Não sexy
P	-	O	-	O	-	P	-	O	-	Forte	Fraco
O	-	O	-	O	-	P	-	O	-	Alto	Baixo
P	-	P	-	P	-	P	-	P	-	Magro	Gordo

Quanto aos aspectos estéticos pode-se inferir que a auto imagem é positiva, pois apenas 10% das respostas apontaram para adjetivos como: não sexy, fraco, baixo e gordo. Portanto, sentem-se confortáveis e pode-se dizer que têm uma imagem positiva de si mesmos.

Quando a pergunta é o que eles pensam que os outros veem quando olham para eles na cadeira de rodas, as respostas parecem bastantes diferentes das da pergunta anterior. Nesta aparecem adjetivos que não aparecem na questão anterior como; andar deselegante e desleixado, além que apareceram na anterior como fraco, baixo e não sexy.

Comparando as duas questões em muitas situações eles têm uma imagem de si mesmos que não condiz com a imagem que eles imaginam que os outros veem. Ocorre principalmente quando eles têm de si uma imagem positiva e pensam que os demais têm uma imagem negativa. O corpo com o qual se sentem não é o mesmo corpo que pensam que os outros veem. Esse tipo de comportamento ou pensamento não beneficia o desenvolvimento e inclusão destes na sociedade, não contribui para a melhora da autoestima.

- **Fatores sociais (FS).**

Quadro 8 - Fatores sociais nas atividades de vida diária – **Questão 1- A maneira como as pessoas me tratam quando estou na minha cadeira de rodas faz com que me sinta**

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10		
P	P	P	O	O	-	O	O	O	P	Atirado	Tímido
P	P	P	O	O	P	P	O	O	P	Comunicativo	Calado
P	P	P	P	P	-	O	O	P	P	Sociável	Insociável
P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	Saudável	Doente
P	P	O	P	O	-	P	O	O	P	Rápido	Lento
P	P	P	P	P	-	P	P	P	P	Alegre	Triste
P	P	P	O	P	-	P	P	P	P	Herói	Coitado
P	P	P	P	P	-	P	O	P	P	Produtivo	Improdutivo
P	P	P	O	O	-	O	O	O	P	Atirado	Tímido
P	P	P	O	O	P	P	O	O	P	Comunicativo	Calado
P	P	P	P	P	-	O	O	P	P	Sociável	Insociável
P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	Saudável	Doente

Quadro 9 - Fatores sociais nas atividades de vida diária - **Questão 2- Penso que por conta de eu usar a cadeira de rodas as pessoas me vêem como**

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10		
P	P	O	O	O	-	O	O	O	P	Atirado	Tímido
P	P	O	O	O	P	O	P	P	O	Comunicativo	Calado
P	P	O	P	P	-	O	P	P	P	Sociável	Insociável
P	P	O	P	P	-	P	P	O	P	Saudável	Doente
O	P	O	P	O	P	P	O	O	P	Rápido	Lento
O	P	O	P	P	-	P	O	O	P	Alegre	Triste
O	P	P	P	P	-	P	P	O	P	Herói	Coitado
O	P	P	P	P	-	P	P	O	P	Produtivo	Improdutivo
P	P	O	O	O	-	O	O	O	P	Atirado	Tímido
P	P	O	O	O	P	O	P	P	O	Comunicativo	Calado
P	P	O	P	P	-	O	P	P	P	Sociável	Insociável
P	P	O	P	P	-	P	P	O	P	Saudável	Doente

Quanto aos aspectos sociais, ou seja, o que eles sentem de acordo com a forma que são tratados pelos demais faz com que apontem na maioria das vezes para os adjetivos positivos. Apontam ainda, para pontos negativos como a timidez, lentidão e doente, coitado e calado.

Quando a pergunta é o que eles pensam que os outros vêem, ocorre o mesmo que na primeira questão, as respostas apontam para adjetivos negativos como calado, insociável, doente, triste, coitado, improdutivo. Todos os adjetivos que apontam para o extremo negativo aparecem pelo menos uma vez.

Quadro 10 – Fatores sociais - Atletas – Questão 1 - A maneira como as pessoas me tratam quando estou na minha cadeira de rodas faz com que me sinta

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10		
P	-	O	-	O	-	P	-	P	-	Atirado	Tímido
P	-	P	P	P	-	P	-	P	-	Comunicativo	Calado
P	-	P	P	P	P	P	-	P	P	Sociável	Insociável
P	O	P	-	P	-	P	P	P	-	Saudável	Doente
P	P	P	-	O	-	P	-	P	-	Rápido	Lento
P	-	P	P	P	P	P	-	P	-	Alegre	Triste
P	-	-	-	P	-	P	P	P	-	Herói	Coitado
P	-	P	P	P	-	P	-	P	P	Produtivo	Improdutivo
P	-	O	-	O	-	P	-	P	-	Atirado	Tímido
P	-	P	P	P	-	P	-	P	-	Comunicativo	Calado
P	-	P	P	P	P	P	-	P	P	Sociável	Insociável
P	O	P	-	P	-	P	P	P	-	Saudável	Doente

Quadro 11 – Fatores sociais - Atletas – Questão 2 - Penso que por conta de eu usar a cadeira de rodas as pessoas me vêem como

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10		
O	P	-	-	O	-	P	-	P	-	Atirado	Tímido
O	P	-	-	P	P	P	-	P	-	Comunicativo	Calado
O	P	-	-	P	-	P	-	P	-	Sociável	Insociável
O	-	O	P	O	-	P	-	O	-	Saudável	Doente
O	-	O	-	O	-	P	-	P	-	Rápido	Lento
O	-	O	-	P	-	P	P	P	O	Alegre	Triste
O	O	O	-	P	-	P	-	P	-	Herói	Coitado
O	-	O	-	P	-	P	-	P	-	Produtivo	Improdutivo
O	P	-	-	O	-	P	-	P	-	Atirado	Tímido
O	P	-	-	P	P	P	-	P	-	Comunicativo	Calado
O	P	-	-	P	-	P	-	P	-	Sociável	Insociável
O	-	O	P	O	-	P	-	O	-	Saudável	Doente

Quanto aos aspectos sociais, ou seja, o que eles sentem de acordo com a forma que são tratados faz com que indiquem na maioria das vezes para pontos positivos, apontam para pontos negativos quanto a timidez, lentidão e doente.

Quando a pergunta é o que eles pensam que os outros veem, ocorre o mesmo que na primeira questão, as respostas apontam para adjetivos negativos como calado, insociável, doente (este é apontado pela maioria que respondeu a esta questão), triste, coitado, improdutivo.

- **Fatores afetivos (FA)**

Quadro 12 – Fatores afetivos nas atividades de vida diária – **Questão 1- Eu me considero uma pessoa**

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10		
P	P	P	P	P	-	P	P	P	P	Gentil	Grosseira
P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	Amorosa	Não amorosa
P	P	P	P	P	-	P	P	P	P	Delicada	Indelicada
P	P	P	P	O	-	P	P	-	P	Auto-suficiente	Dependente
P	P	P	P	O	-	P	O	-	O	Segura	Insegura
O	P	O	O	O	-	O	O	O	O	Mal educada	Educada
P	P	P	P	P	-	P	P	P	P	Sensual	Não sensual
P	P	P	P	P	P	P	P	-	P	Paciente	Impaciente
P	P	P	P	O	-	P	P	O	P	Calma	Nervosa
P	P	P	P	P	P	P	P	-	P	Capaz	Incapaz
P	P	P	P	P	-	P	P	P	P	Saudável	Doente
P	P	P	P	P	-	P	P	P	P	Gentil	Grosseira

Quadro 13 – Fatores afetivos nas atividades de vida diária - **Questão 2 - Eu sinto que as pessoas**

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10		
										Tratam-me normalmente devido a minha condição	Tratam-me de forma diferente devido a minha condição
O	P	O	P	P	-	P	P	P	P	Gostam de mim	Não gostam de mim
O	P	O	O	O	-	O	O	P	O	Têm medo de aproximar-se	Não têm medo aproximar-se
O	P	O	O	P	-	O	P	P	O	Sentem pena de mim	Não sentem pena de mim
O	P	O	O	P	-	O	P	O	O	Me ignoram	Não me ignoram
P	P	P	P	P	-	P	O	P	P	Estão dispostas a me ajudar	Não se dispõe a ajudar
P	P	P	P	O	-	P	P	P	P	Respeitam a minha condição física	Não respeitam a minha condição física.
O	P	O	O	P	-	O	O	O	P	Caçoam da minha condição	Compreendem a minha condição
O	P	O	O	P	-	P	P	O	O	Me excluem socialmente	Não me excluem socialmente
O	P	O	O	P	-	O	O	P	O	Têm vergonha de mim	Não têm vergonha de mim
										Convidam-me para participar de baladas e passeios	Não me convidam para participar de baladas e passeios
P	P	P	O	O	-	O	O	O	P	Tratam-me normalmente devido a minha condição	Tratam-me de forma diferente devido a minha condição
O	P	O	P	P	-	P	P	P	P		

Em relação aos fatores afetivos, a maioria apontou para adjetivos positivos, os apontamentos negativos apareceram apenas em nervosa, insegura, dependente. Um ponto importante para se salientar é que não apareceu nenhum apontamento para incapaz e doente. Ou seja, nenhum dos voluntários se considera incapaz ou doente.

O sentimento que têm da sociedade é que a maioria apontou que são tratados normalmente, sentem que os outros gostam de deles, não têm medo ou pena e não são ignorados, apenas um apontou para o sentimento de medo, pena e o fato de ser ignorado. Todos apontaram para a disposição dos outros para ajudar e o respeito à sua condição. Três voluntários apontaram para o fato da exclusão social e a vergonha. Apenas a minoria 3 dos 10 não é convidada para passeios e outras formas de diversão.

Quadro 14 – Fatores afetivos - Atletas – **Questão 1- Eu me considero uma pessoa**

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10		
P	-	P	P	P	P	P	-	P	-	Gentil	Grosseira
P	-	P	-	P	-	P	-	P	-	Amorosa	Não amorosa
P	-	P	-	P	-	P	-	O	-	Delicada	Indelicada
P	-	P	P	P	-	P	-	P	-	Auto-suficiente	Dependente
P	-	P	-	P	-	P	P	P	-	Segura	Insegura
O	-	O	-	O	-	O	-	O	-	Mal educada	Educada
P	-	O	-	P	-	P	-	P	-	Sensual	Não sensual
P	-	O	-	P	-	P	-	O	-	Paciente	Impaciente
P	-	O	-	P	-	P	-	O	-	Calma	Nervosa
P	P	P	-	P	-	P	-	P	P	Capaz	Incapaz
P	-	P	-	P	-	P	-	P	-	Saudável	Doente
P	-	P	P	P	P	P	-	P	-	Gentil	Grosseira

Quadro 15 – Fatores afetivos - Atletas – **Questão 2- Eu sinto que as pessoas:**

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10		
P	O	O	-	O	-	O	-	P	-	Tratam-me normalmente devido a minha condição	Tratam-me de forma diferente devido a minha condição
P	-	P	-	P	-	P	P	P	-	Gostam de mim	Não gostam de mim
P	-	P	-	O	-	P	-	O	-	Têm medo de aproximar-se	Não têm medo aproximar-se
O	-	P	-	O	-	P	-	O	-	Sentem pena de mim	Não sentem pena de mim
O	-	O	-	O	-	O	-	O	-	Me ignoram	Não me ignoram
P	-	P	-	P	-	P	P	P	-	Estão dispostas a me ajudar	Não se dispõe a ajudar
P	-	P	-	P	P	P	-	P	-	Respeitam a minha condição física	Não respeitam a minha condição física.
O	-	O	-	O	-	O	-	O	-	Caçoam da minha condição	Compreendem a minha condição
P	-	P	-	O	-	O	-	O	-	Me excluem socialmente	Não me excluem socialmente
P	-	P	-	O	-	O	-	O	-	Têm vergonha de mim	Não têm vergonha de mim
P	-	P	P	P	-	P	-	P	-	Convidam-me para participar de baladas e passeios	Não me convidam para participar de baladas e passeios
P	O	O	-	O	-	O	-	P	-	Tratam-me normalmente devido a minha condição	Tratam-me de forma diferente devido a minha condição

Em relação aos fatores afetivos, a maioria indicou adjetivos positivos, os apontamentos negativos apareceram apenas em nervosa, impaciente, não sensual. Neste grupo também não apareceu nenhum apontamento para incapaz e doente.

O sentimento que eles têm da sociedade é que se apresenta de forma diferente dos demais, alguns apontaram para a questão do medo que os outros sentem em relação a ele, a diferença de tratamento (este item não especificava se o tratamento diferente era agradável ou desagradável). Todos apontaram que não são ignorados, e sentem que os outros estão dispostos a ajudar, e compreendem a condição em que se encontram, e que são convidados para passeios. Alguns apontaram para a exclusão social e a questão da vergonha.

- **Fator de representação de corpo ideal (FRCI).**

Quadro 16 – Fator de representação do corpo ideal nas atividades de vida diária –
Questão 1- Eu me considero uma pessoa

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10		
P	-	O	O	P	-	P	-	P	P	Tímido	Atirado
-	-	P	P	P	P	P	P	P	P	Carinhoso	Rude
-	-	P	P	P	-	O	P	-	P	Sexy	Não sexy
-	-	P	P	P	-	P	P	-	-	Bonito	Feio
-	-	P	P	P	-	P	P	-	P	Elegante	Deselegante
-	-	P	P	P	-	P	P	-	P	Forte	Fraco
-	-	P	P	P	-	P	P	P	P	Magro	Gordo
P	-	O	P	P	-	-	P	P	-	Alto	Baixo
-	P	P	P	P	-	-	P	P	-	Simpático	Antipático
-	-	P	P	P	P	P	P	P	P	Falante	Calado
-	-	P	P	P	-	P	-	P	P	Eficiente	Ineficiente
-	-	P	P	P	-	P	-	P	-	Atencioso	Desatento

Quadro 17 – Fator de representação do corpo ideal nas atividades de vida diária –
Questão 2- Eu sou

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10		
O	-	P	P	P	-	P	-	-	-	Tímido	Atirado
P	-	P	P	P	-	-	P	-	-	Carinhoso	Rude
P	-	P	P	P	-	-	P	P	-	Sexy	Não sexy
P	-	P	P	P	-	P	P	P	P	Bonito	Feio
P	-	P	P	P	-	-	P	P	-	Elegante	Deselegante
P	-	P	P	P	-	P	-	-	P	Forte	Fraco
P	-	P	O	O	-	-	O	O	-	Magro	Gordo
O	-	P	O	O	-	-	O	O	-	Alto	Baixo
P	-	P	P	P	-	-	P	P	-	Simpático	Antipático
P	P	O	O	O	-	-	O	O	-	Falante	Calado
P	-	P	P	P	-	-	P	P	-	Eficiente	Ineficiente
P	-	P	P	P	-	-	-	-	-	Atencioso	Desatento

Em relação ao fator de representação de corpo ideal houve um número bastante grande de questões não respondidas. Aqueles que responderam apontaram para adjetivos positivos. Quando se compara com o que eles indicaram com respostas da questão seguinte que diz respeito ao que eles são, adjetivos como gordo, fraco, calado, tímido aparecem com frequência.

Quadro 18 - Fator de representação do corpo ideal - Atletas - **Questão 1 - Gostaria de ser**

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10		
O	-	O	-	P	-	O	-	O	-	Tímido	Atirado
P	-	P	-	P	-	P	-	P	-	Carinhoso	Rude
P	-	P	-	P	-	P	-	P	-	Sexy	Não sexy
P	-	P	-	P	-	P	P	P	-	Bonito	Feio
P	P	P	-	P	P	P	-	P	-	Elegante	Deselegante
P	-	P	-	P	-	P	P	P	-	Forte	Fraco
P	-	P	P	P	-	P	-	P	-	Magro	Gordo
P	-	P	-	P	-	P	P	P	-	Alto	Baixo
P	-	P	-	P	-	P	-	P	P	Simpático	Antipático
P	-	P	-	P	-	P	P	P	-	Falante	Calado
P	-	P	-	P	-	P	P	P	-	Eficiente	Ineficiente
P	-	P	-	P	-	P	P	P	-	Atencioso	Desatento

Quadro 19 – Fator de representação do corpo ideal – Atletas – **Questão 2- Eu sou**

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10		
P	-	P	-	P	P	O	-	O	-	Tímido	Atirado
P	-	P	P	P	-	P	-	P	O	Carinhoso	Rude
O	-	O	P	P	-	P	-	P	-	Sexy	Não sexy
O	-	P	-	P	-	P	-	P	-	Bonito	Feio
P	-	O	-	P	-	P	-	P	-	Elegante	Deselegante
P	-	P	-	P	-	P	-	P	-	Forte	Fraco
O	-	P	-	P	-	P	-	O	-	Magro	Gordo
O	-	O	-	P	-	P	-	P	-	Alto	Baixo
P	-	P	-	P	-	P	-	P	-	Simpático	Antipático
P	-	O	P	P	-	P	-	P	-	Falante	Calado
P	-	P	P	P	-	P	-	P	-	Eficiente	Ineficiente
P	-	P	-	P	-	P	-	P	-	Atencioso	Desatento

Neste grupo também houve um número bastante grande de questões não respondidas.

Em relação ao fator de representação de corpo ideal, quando a pergunta ao que ele(a) gostaria de ser, os voluntários apontaram para os adjetivos positivos. No entanto quando comparamos com as respostas da questão seguinte que diz respeito ao que eles são, alguns pontos negativos aparecem como: tímido, não sexy, deselegante, gordo, baixo e calado.

- **Relativo ao uso da cadeira de rodas (UCR)**

Quadro 20 – Uso de cadeiras de rodas nas atividades de vida diária - SIM ou NÃO - O que a cadeira de rodas possibilita a você?

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	Deslocar-se mais facilmente
S	S	S	S	S	-	S	S	S	N	Realizar as atividades diárias mais facilmente
S	S	S	S	S	-	S	S	S	S	Participar de eventos sociais (festas, shows teatro, cinema)
N	N	N	N	S	-	S	N	N	N	Exclusão social
S	N	S	S	S	-	S	S	S	N	Realizar atividades como: dança, jogos, esportes, etc;
S	S	S	S	S	-	S	S	S	S	Sair de casa para passear (parques, shopping, etc);
S	S	S	S	S	S	N	S	S	N	Trabalhar e/ou estudar.
S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	Deslocar-se mais facilmente
S	S	S	S	S	-	S	S	S	N	Realizar as atividades diárias mais facilmente
S	S	S	S	S	-	S	S	S	S	Participar de eventos sociais (festas, shows teatro, cinema)
N	N	N	N	S	-	S	N	N	N	Exclusão social
S	N	S	S	S	-	S	S	S	N	Realizar atividades como: dança, jogos, esportes, etc;

Em relação ao uso da cadeira de rodas. As respostas apontam para um bom relacionamento com a cadeira de rodas. Poucos, 2 de 9 que responderam, apontaram a cadeira de rodas como possibilidade de exclusão social e não permite trabalhar ou estudar.

Quadro 21 – Uso de cadeiras de rodas nas atividades de vida diária - Atletas - Sim ou não - O que a cadeira de rodas possibilita a você?

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
S	S	S	S	S	S	S	-	S	S	Deslocar-se mais facilmente
S	S	S	S	N	S	S	-	S	N	Realizar as atividades diárias mais facilmente
S	N	S	S	N	N	S	-	S	S	Participar de eventos sociais (festas, shows teatro, cinema)
N	N	N	N	S	S	N	-	N	S	Exclusão social
S	S	S	S	S	N	S	-	S	N	Realizar atividades como: dança, jogos, esportes, etc;
S	S	S	S	N	S	S	-	S	S	Sair de casa para passear (parques, shopping, etc);
S	S	S	S	N	S	S	-	S	S	Trabalhar e/ou estudar.
S	S	S	S	S	S	S	-	S	S	Deslocar-se mais facilmente
S	S	S	S	N	S	S	-	S	N	Realizar as atividades diárias mais facilmente
S	N	S	S	N	N	S	-	S	S	Participar de eventos sociais (festas, shows teatro, cinema)
N	N	N	N	S	S	N	-	N	S	Exclusão social
S	S	S	S	S	N	S	-	S	N	Realizar atividades como: dança, jogos, esportes, etc;

Em relação ao uso da cadeira de rodas, todos apontam como um facilitador para o deslocamento. A maioria acredita que contribui para realizar as atividades diárias, além de dança, jogos e esportes, passear em shoppings, trabalhar e estudar. Apenas 3 de 10 voluntários apontaram que a cadeira exclui socialmente, mesmo apontando-a como um facilitador no deslocamento.

- **Representação da cadeira de rodas (RCR).**

Quadro 22 – Representação da cadeira de rodas nas atividades de vida diária - **O que a cadeira de rodas possibilita a você?**

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
S	S	S	-	S	-	S	-	S	-	Apenas um equipamento que auxilia a sua locomoção
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Algo que te atrapalha
-	-	S	S	-	-	-	S	-	S	Parte integrante do seu corpo
-	-	-	-	-	S	-	-	-	-	Parte NÃO integrante do seu corpo
S	S	S	-	S	-	S	-	S	-	Apenas um equipamento que auxilia a sua locomoção
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Algo que te atrapalha
-	-	S	S	-	-	-	S	-	S	Parte integrante do seu corpo
-	-	-	-	-	S	-	-	-	-	Parte NÃO integrante do seu corpo
S	S	S	-	S	-	S	-	S	-	Apenas um equipamento que auxilia a sua locomoção
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Algo que te atrapalha
-	-	S	S	-	-	-	S	-	S	Parte integrante do seu corpo
-	-	-	-	-	S	-	-	-	-	Parte NÃO integrante do seu corpo

Quanto a representação da cadeira de rodas, a maioria, 6 dos 10 responderam que a cadeira de rodas é apenas um equipamento que auxilia na locomoção, 4 responderam que é parte integrante do corpo e um respondeu que não é parte integrante do corpo. Nenhum respondeu que a cadeira é algo que atrapalha. O voluntário 3 apontou para duas respostas, como um equipamento que auxilia na locomoção e parte integrante do corpo.

Quadro 23 – Representação da cadeira de rodas - Atleta - **O que a cadeira de rodas representa pra você?**

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
-	S	-	-	S	-	-	S	S	-	Apenas um equipamento que auxilia a sua locomoção
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Algo que te atrapalha
S	-	S	S	-	S	S	-	S	S	Parte integrante do seu corpo
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Parte NÃO integrante do seu corpo
-	S	-	-	S	-	-	S	S	-	Apenas um equipamento que auxilia a sua locomoção
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Algo que te atrapalha
S	-	S	S	-	S	S	-	S	S	Parte integrante do seu corpo
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Parte NÃO integrante do seu corpo
-	S	-	-	S	-	-	S	S	-	Apenas um equipamento que auxilia a sua locomoção
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Algo que te atrapalha
S	-	S	S	-	S	S	-	S	S	Parte integrante do seu corpo
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Parte NÃO integrante do seu corpo

Quanto a representação da cadeira a maioria (7 voluntários) apontaram para a cadeira como parte integrante do corpo. Os demais (4 voluntários) apontaram como um equipamento que apenas auxilia na locomoção. Nenhum dos voluntários respondeu que é algo que atrapalha ou que não é parte integrante do corpo.

- **Comportamento dos outros em relação a eles e a cadeira de rodas (OCR).**

Quadro 24 – Comportamento dos outros em relação a eles e a cadeira de rodas nas atividades de vida diária - SIM ou NÃO - **Você gosta quando as outras pessoas**

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
N	N	S	N	N	S	N	N	S	N	Ficam em pé para conversar com você
S	S	S	S	S	-	S	S	S	S	Colocam-se ao mesmo nível que os seus olhos para conversar com você
N	N	N	N	S	-	N	S	N	N	Usam a sua cadeira como apoio
S	S	N	N	S	-	S	N	N	N	Pedem para carregar sacolas e pacotes
N	S	N	S	S	S	S	N	N	S	Ajudam-no espontaneamente
S	S	S	S	N	-	N	S	S	N	Esperam que você peça ajuda
N	S	N	S	S	-	N	N	N	S	Levem-no sem que você peça
S	N	S	S	S	-	S	S	S	S	Perguntem antes de levar você a algum lugar
S	N	N	N	N	-	N	N	N	N	Pedem a sua cadeira de rodas emprestada
N	N	N	N	N	S	N	N	N	N	Levam-no sem que avise sobre as direções ou desvios do percurso
N	N	N	N	N	-	S	N	N	N	Tiram-no da cadeira de rodas e colocam-no em outra cadeira
N	N	S	N	N	S	N	N	S	N	Ficam em pé para conversar com você

Para a última questão que diz respeito ao comportamento dos outros em relação a eles todos apontaram para a preferência de se posicionar na altura dos olhos para conversar, 7 de 9 não gostam que usem sua cadeira como apoio. 6 de 9 não gostam de carregar sacolas e pacotes. A maioria prefere que a ajuda do outro seja espontânea, no entanto, quando aparece a questão de que o outro espere o pedido de ajuda a maioria também prefere que seja ajudado quando for solicitado. Apenas 3 apontaram para que sejam levados sem que peça. Na questão seguinte todos preferem que perguntem antes que o levem a algum lugar. A maioria não gosta de emprestar a sua cadeira de rodas para outro ou mesmo de sair de sua cadeira e ser colocado em outra cadeira assim como ser levado sem que avise sobre a direção.

Quadro 25 – Comportamento dos outros em relação a eles e a cadeira de rodas - Atletas - SIM ou NÃO

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
N	N	S	N	S	S	N	-	S	N	Ficam em pé para conversar com você
S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	Colocam-se ao mesmo nível que os seus olhos para conversar com você
N	N	N	N	N	N	S	-	N	N	Usam a sua cadeira como apoio
N	N	S	S	N	N	S	-	N	S	Pedem para carregar sacolas e pacotes
S	S	N	S	S	S	N	-	S	N	Ajudam-no espontaneamente
N	N	S	N	N	S	S	-	S	N	Esperam que você peça ajuda
N	S	S	S	N	S	N	-	N	N	Levem-no sem que você peça
S	S	S	S	S	N	S	-	S	S	Perguntem antes de levar você a algum lugar
N	S	N	N	S	N	S	-	N	N	Pedem a sua cadeira de rodas emprestada
N	N	N	N	N	S	N	-	N	N	Levam-no sem que avise sobre as direções ou desvios do percurso
N	S	N	N	N	S	N	-	N	N	Tiram-no da cadeira de rodas e colocam-no em outra cadeira
N	N	S	N	S	S	N	-	S	N	Ficam em pé para conversar com você

Para a questão que diz respeito ao comportamento dos outros em relação a eles, todos apontaram para a preferência que se coloquem ao mesmo nível de seus olhos para conversar. A maioria (8 de 9) não gostam que usem a cadeira como apoio e nem gostam de carregar sacolas. Assim como que os levem sem que avisem sobre o percurso e direção. 7 de 9 voluntários não gostam de sair de sua cadeira de rodas para ocupar outra cadeira e 6 de 9 não gostam quando pedem a sua cadeira emprestado. Quando a questão é sobre a ajuda que alguém pode oferecer as respostas se dividem, 4 de 9 preferem que o outro espere o pedido de ajuda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As respostas dos dois grupos assim como os perfis são bastante parecidos, relativo à idade que variou entre 20 e 50 anos, a maioria apresentou uma condição de deficiência adquirida.

Quanto aos aspectos estéticos e afetivos, não há diferenças significativas que apareçam ou determinantes para um ou outro grupo. Quanto aos aspectos sociais no grupo de Atividades de vida diária os adjetivos negativos apareceram pelo menos uma vez, já no grupo de atletas a frequência é menor.

Quanto ao fator de representação de corpo ideal houve um número bastante grande de questões não respondidas no grupo de pessoas de atividades de vida diária. Acreditamos que isto tenha ocorrido pelo fato de os questionários terem sido aplicados a uma população com a qual a aplicadora não constituía nenhum vínculo.

Quanto à representatividade da cadeira de rodas as respostas são bastante diferentes no grupo de atletas. Sete dos nove responderam que a cadeira é parte integrante do corpo, já para as pessoas não são atletas apenas 3 responderam que a cadeira é parte do corpo. A maioria respondeu que é apenas um equipamento que auxilia a locomoção. Nenhum dos voluntários respondeu que a cadeira é algo que atrapalha.

Por último as questões que dizem respeito ao comportamento das outras pessoas em relação às usuárias de cadeira de rodas e a cadeira de rodas em si. São unânimes, eles preferem que os “andantes” se coloquem na mesma altura de seus olhos para uma boa conversa; não usem como apoio a cadeira de rodas; não levem sem que avisem sobre o percurso ou obstáculos. Antes de tudo é preciso perguntar se preferem ficar na própria cadeira ou não. Afinal, a maioria prefere ficar na própria cadeira e a considera como parte de seu corpo.

O corpo que sentem não é o mesmo que acreditam ser visto pelos outros, são conscientes da diferença e de suas necessidades especiais, mas são como todos os outros que sonham quando dormem, sentem fome, gostam de se divertir, se apaixonam, sentem frio, gargalham de algo engraçado, choram quando estão tristes, não gostam de ser ignorados,

ao contrário gostam de ser bem tratados, com educação, carinho e respeito. Sentem-se completos com suas cadeira de rodas.

Por isso, não podemos pensar que por tira-los da cadeira de rodas vamos aproxima-los dos padrões estabelecidos previamente, nestas situações cabe um convite a experimentar atividades sem a cadeira de rodas e o respeito se o convite for negado.

Na dúvida de como agir com uma pessoa que faz uso de cadeira de rodas é interessante que se pergunte sobre a necessidade ou a melhor forma de auxiliá-lo, só ele poderá indicar a melhor forma de ser útil naquela situação. As pessoas em geral não devem sentir-se ofendidas se a pessoa em condição de deficiência recusar ajuda, nem sempre ela é necessária. Todos os sujeitos dessa pesquisa possuem um grau de independência e gostam de vencer obstáculos sozinhos.

Sugerimos um estudo futuro que possa investigar o porquê desta diferença entre o corpo que é sentido e o corpo que cada um acredita que é visto pelos demais e dessa forma atenuar essas diferenças, a fim de evitar focos de conflitos internos e melhorar a relação da sociedade “andante” com a sociedade “cadeirante”.

REFERÊNCIAS

¹GOFFMAN E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988. 159p.

²SILVIA, O. M. **Epopéia ignorada**: a pessoa deficiente na história do mundo de ontem e hoje. São Paulo: CEDAS, 1986. 470p.

³TAVARES M. C. G. C. **Imagem corporal**: conceito e desenvolvimento. Barueri: Manole, 2003. 147p.

⁴MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2006. 662p.

⁵PORTO, E. T. R. **A Corporeidade do cego: novos olhares**. 2002. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002. Disponível em:

<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000294998>>. Acesso em: 10 fev. 2005.

⁶CYRULNIK, B. **Do sexto sentido: o homem e o encantamento do mundo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999. 296p.

⁷DAOLIO, J. **Cultura, educação física e futebol**. 2. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2003.

⁸ROLLIM, T. **meu andar sobre rodas**. São Paulo: Áurea, 2001. 248p.

⁹SCHILDER, P. **A imagem do corpo: as energias construtivas da psique**. São Paulo: Martins Fontes. 1999. 405p.

¹⁰SANTANA, V. H **Avaliação do auto-conceito e atividade física**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

¹¹PEREIRA, C. A. A. **O diferencial semântico: uma técnica de medida nas ciências humanas e sociais**. São Paulo: Ática, 1986. 132p.